

Atos

“Paulo, Como Você *Pôde*?” (21:17–26)

Quando Paulo foi a Jerusalém, ele já esperava problemas (Romanos 15:30, 31; Atos 20:22, 23). Estava preparado para a possibilidade de que o orgulho dos cristãos judeus não os deixasse aceitar a contribuição dos cristãos gentios. Sabia que poderia esperar aborrecimentos da parte dos que, desde antes, o consideravam um traidor. O Espírito lhe avisara que seria preso. Ao caminhar pelas ruas de Jerusalém, Paulo deve ter olhado constantemente por sobre os ombros, imaginando de onde viria o problema. A seguir, tendo ido até uma reunião com os presbíteros, onde se sentia seguro — descobriu que ali estava o problema!

... Ihe disseram: Bem vês, irmão, quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei; e foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo os costumes da lei. Que se há de fazer, pois? Certamente saberão da tua chegada. Faze, portanto, o que te vamos dizer: estão entre nós quatro homens que, voluntariamente, aceitaram voto; toma-os, purifica-te com eles e faze a despesa necessária para que raspem a cabeça; e saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei (Atos 21:20–24).

Para nosso espanto, o apóstolo consentiu na estranha exigência dos presbíteros: “Então, Paulo, tomando aqueles homens, no dia seguinte, tendo-se purificado com eles, entrou no templo, acertando o cumprimento dos dias da purificação, até que se fizesse a oferta em favor de cada

um deles” (v. 26). Sabendo que aqueles sacrifícios incluíam ofertas pelos pecados, protestamos: “Por que, Paulo?”

Muitas perguntas invadem as nossas mentes: Paulo agiu certo ou errado? Seria certo hoje oferecer sacrifícios, especialmente se fôssemos judeus? Estas são perguntas com as quais vamos nos debater durante esta lição.

PALAVRAS POLÊMICAS DE UM HOMEM

Iniciemos pela pergunta: “Paulo agiu certo ao consentir na exigência dos presbíteros?” Não existe um consenso sobre este assunto — nem mesmo entre estudiosos cristãos respeitados. No que diz respeito ao presente estudo, classificarei arbitrariamente uma miríade de pontos de vista sob quatro subtítulos, a saber:

Um “Sim!” Incondicional

Um pequeno grupo responde a pergunta com um “sim!” incondicional. Acreditam que Paulo e os presbíteros estavam absolutamente certos em tudo o que fizeram, que tal atitude estaria certa em qualquer lugar ou época e que eles devem ser elogiados e imitados. Esse grupo destaca as atitudes de Paulo como um exemplo brilhante do que ele quis dizer com as seguintes palavras: “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1 Coríntios 9:22b) e uma ilustração perfeita do ensino de Paulo em Romanos 14 para suportar os irmãos fracos.

Como prova de que Paulo e os presbíteros estavam certos em tudo o que fizeram, este

primeiro grupo observa que, em nenhuma outra passagem, Lucas condenou a atitude deles e que a consciência de Paulo estava limpa quanto à sua participação no incidente (23:1). Este grupo acredita que a atuação de Paulo reforça a importância de dar-se bem com as pessoas e alguns até ensinam que o comportamento do apóstolo prova que promover a paz é mais importante do que defender uma posição doutrinária.

Concordo com alguns aspectos desta posição, mas não com todos. Certamente, podemos aprender com esse relato algo relativo a tentar evitar ofensas, mas aplaudir os presbíteros e Paulo por tudo o que fizeram parece ser um exagero.

A política de Paulo de “tornar-se tudo para com todos” foi projetada para ganhar os incrédulos, não para apaziguar os crentes. Mesmo no que diz respeito aos incrédulos de Jerusalém, a participação de Paulo do culto no templo não visava dar-lhe popularidade ou facilitar suas pregações aos judeus (veja 9:29; 22:17–21)¹.

Romanos 14 refere-se às práticas que eram questões de indiferença. Algumas coisas exigidas pela lei eram itens insignificantes que não afetavam o ensino do Novo Testamento (o descanso no sétimo dia, leis sobre alimentação, etc.), mas é difícil entender como o ato de fazer uma oferta pelos pecados pode ser levemente descartado como “uma questão de indiferença”.

Quanto a qualquer prova de que os presbíteros e Paulo não agiram errado, a evidência que este grupo usa é menos que convincente. Os escritores bíblicos nem sempre param para elogiar ou condenar; observe como Moisés trata a embriaguez de Noé em Gênesis 9:20, 21. É verdade que Paulo disse que nunca violou sua consciência, mas essa afirmação também remontava ao período em que ele perseguiu os cristãos (Atos 8:1, 3). As palavras de Paulo provam que ele não agiu errado *intencionalmente* ao obedecer às ordens dos presbíteros; não provam que seu comportamento não pode ser questionado.

Certamente, os que ensinam que dar-se bem com todos é mais importante do que obedecer a Deus exageram. O próprio Tiago enfatizou, mais tarde, que a pureza (quer moral quer doutrinária) é mais importante do que a paz (Tiago 3:17).

Um “Sim” Condicional

Um segundo grupo — talvez o maior de todos — qualifica seu “sim” dizendo: “Paulo agiu certo *dentro das circunstâncias*”. Não concordam entre si quanto às circunstâncias exatas do apaziguamento, mas acreditam que Paulo fez o melhor possível em vista da situação. Algumas das circunstâncias geralmente alistadas já foram discutidas: a incrível pressão de dentro e de fora da igreja tanto sobre os presbíteros quanto sobre Paulo, a determinação de Paulo de ser “tudo para com todos”, etc. Outras três circunstâncias são geralmente destacadas:

1) A singularidade do judaísmo. Na Nova Aliança, faz-se uma distinção entre a autoridade civil e a autoridade religiosa: temos de render “a César o que é de César; e a Deus, o que é de Deus” (Mateus 22:21b; veja também 1 Pedro 2:17). Temos de obedecer às leis terrenas (Romanos 13:1–7), desde que essas leis não violem as leis de Deus (Atos 5:29)². Em contraste com isto, sob a *Antiga Aliança*, a autoridade civil e a religiosa fundiam-se. A lei de Moisés era uma combinação de leis religiosas com leis civis. Para os israelitas, as leis não controlavam apenas as atividades religiosas, mas todas as funções do povo como nação. Portanto, como já foi observado, a maioria dos judeus tinha dificuldade em distinguir a religião da raça. A maioria dos judeus era propensa a olhar para os sacrifícios como parte de sua herança nacional — pelo menos até que o templo fosse destruído em 70 d.C. Este fator está ligado ao próximo:

2) Um período de transição. Legalmente, a lei foi cravada na cruz (Colossenses 2:14, 16) — incluindo as leis acerca dos sacrifícios. Na prática, Deus deu aos judeus tempo e oportunidade para fazerem a transição do judaísmo para o cristianismo³. Conseqüentemente, enquanto algumas passagens falam da lei como sendo abolida na morte de Jesus (por exemplo, Efésios 2:14, 15), outras falam da lei como algo que estava se extinguindo gradualmente. Por exemplo, Hebreus 8:13 fala da primeira aliança como “antiquada” e, a seguir, diz: “Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer” (veja também 2 Coríntios 3:7–11). Matthew

¹Incluí uma breve discussão sobre “tornar-se tudo para com todos” relacionado à circuncisão de Timóteo feita por Paulo, na lição “Uma Nova Equipe — E Mais”. ²Veja a lição “O Cristão e o Governo”. ³Deus não “devia” essa cortesia aos judeus; por isso gosto da expressão usada por certo escritor, que diz: “um período de graça”.

Henry observou o seguinte: “A lei cerimonial... estava morta, mas não enterrada”⁴. Quando Deus finalmente “enterrou” a lei? A maioria concorda que Deus assinalou o fim do período de transição quando permitiu a destruição do templo em 70 d.C. Se isto for a verdade, os judeus ainda estavam no período de transição em 57 d.C., quando Paulo entrou no templo. Este fator é paralelo ao seguinte:

3) Uma revelação dada gradualmente. Em nossos estudos de Atos, temos visto que Deus não revelou Sua vontade de uma vez, mas sim conforme a necessidade e conforme as pessoas podiam assimilá-la. Por exemplo, as palavras de Pedro no dia de Pentecostes incluíam os gentios como parte do plano total de Deus (Atos 2:39), mas Pedro não entendeu isso até que Deus lhe mandasse uma visão especial (Atos 10). Uma sugestão é que apesar de Paulo ter escrito Gálatas e Romanos, ele não havia captado a aplicação lógica dos ensinamentos desses livros aos sacrifícios. Passariam vários anos até que Deus inspirasse a escrita das seguintes palavras⁵: “Não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado” (Hebreus 10:6); e: “Ora, onde há remissão... já não há oferta pelo pecado” (Hebreus 10:18). A revelação de Deus está completa agora (2 Pedro 1:3; Judas 3), mas ainda não estava quando Paulo foi ao templo.

Esta posição de que Paulo agiu certo “dentro das circunstâncias” pode ser a correta; certamente os fatores acima citados encontram-se nas Escrituras. Apesar disso, penso ser difícil dizer que Paulo agiu certo quando se dispôs a oferecer um sacrifício pelos *pecados* — depois de Jesus ter oferecido o sacrifício perfeito pelos pecados. A maioria dos que sustentam esta segunda posição estão cientes de que essa dificuldade merece uma atenção especial. Adam Clarke, um dos que reconhece a dificuldade, comparou os sacrifícios com nossos impostos, uma vez que “os ministros de estado são mantidos principalmente por eles”⁶. Outro compara os sacrifícios com o pagamento de uma multa quando violamos a lei terrena⁷.

Minha dificuldade está na forma como se apresenta o voto de nazireu no texto bíblico: um dos pássaros trazidos pela pessoa que fazia o voto tinha de ser oferecido como “uma oferta pelo pecado” para fazer “expição por ele, visto que pecou...” (Números 6:11). O que a expressão “fazer expição” em Números 6 significava para os judeus? Certamente, na mente deles, ela se referia ao relacionamento de um homem com Deus. Talvez Paulo entendesse que os sacrifícios oferecidos nada tinham a ver com a salvação da alma, mas será que os sacerdotes entendiam isso? Será que os judeus incrédulos que viram Paulo arranjar os preparativos para os sacrifícios entenderam isso? Tudo o que me resta é pensar que, no mínimo, a atitude de Paulo foi questionável.

Um “Não” Condicional

Sinto-me mais confortável com a posição dos que — formando um grupo bastante grande — não defendem a atuação de Paulo, mas são complacentes com a situação do apóstolo. Este grupo acredita que as circunstâncias observadas foram fatores significativos para a atitude de Paulo, mas não justificam sua participação na oferta de sacrifícios de sangue.

A maioria dos que defendem esta posição evitam a palavra “pecado”. No lugar dela, utilizam geralmente a palavra “erro”. As opiniões variam quanto à seriedade do “erro”, mas esse parece ser o termo preferido. Certo pregador e professor por quem tenho grande respeito escreveu o seguinte: “Ensino que Paulo cometeu um erro”⁸. No início da lição anterior, citei G. Campbell Morgan, que disse que Paulo “cometeu, nessa ocasião, o maior erro de seu ministério”.

Convém lembrar que não temos de justificar todas as atitudes dos personagens da Bíblia, mesmo em se tratando dos melhores personagens. Os presbíteros eram — e são — passíveis de falha e até homens inspirados cometeram erros (Gálatas 2:11–14). O próprio Paulo observou que ele era pecador (Romanos 3:23), não sendo

⁴Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible* (“Comentário sobre Toda a Bíblia”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1961, p. 1723. ⁵Não se sabe exatamente quando a Epístola aos Hebreus foi escrita. Como fala de sacerdotes oferecendo sacrifícios (10:11), provavelmente foi escrita antes da destruição do templo em 70 d.C. Estamos seguros em afirmar que foi escrita vários anos depois da prisão de Paulo em Jerusalém, em 57 d.C. ⁶Adam Clarke, *The Holy Bible with a Commentary and Critical Notes* (“A Bíblia Sagrada com um Comentário e Notas Críticas”), vol. 5, *Matthew-Acts*. Nashville: Abingdon Press, s.d., p. 861. ⁷Telefonema pessoal, de 8 de janeiro de 1996. ⁸Roy H. Lanier Jr., carta pessoal de 7 de dezembro de 1995.

perfeito (Filipenses 3:12)⁹.

Um “Não!” Incondicional

Poucos — talvez o menor grupo — insistem que Paulo agiu errado e que não havia absolutamente desculpa pelo que fez! Este grupo poderia estar certo, mas tal posição parece violar o princípio básico de interpretar da melhor maneira possível as ações do próximo (1 Coríntios 13:7).

A PALAVRA CONCLUSIVA DE DEUS

Visto que Deus não julgou apropriado nos dizer como Ele viu a atitude de Paulo, deveríamos hesitar em classificar dogmaticamente a atitude de Paulo numa escala de certo e errado. Todavia, quanto à segunda pergunta levantada anteriormente sobre a oferta de sacrifícios hoje, Deus *falou* a respeito disso — e devemos ouvi-LO. Deus disse que *não* estaria certo Paulo ou qualquer outra pessoa oferecer sacrifícios de sangue hoje.

Uma Alegação Definitiva

Algum tempo depois de Paulo passar uma semana no templo, Deus fez com que o Livro de Hebreus fosse escrito¹⁰ — talvez por Paulo ou um de seus amigos. Hebreus foi escrito para cristãos hebreus (isto é, judeus) que estavam tentados a voltar às antigas práticas. O autor argumentou que tudo no cristianismo é melhor, de modo que seria insensato — e até catastrófico — voltarem ao judaísmo. Donald Barnhouse o expõe da seguinte maneira: “O Livro de Hebreus foi escrito para hebreus a fim de adverti-los a deixarem de ser hebreus!”¹¹

Quanto à pergunta a ser analisada, os capítulos-chaves são Hebreus 7 a 10. Nos capítulos 7 e 8, o escritor observou que o sacerdócio araônico fora abolido. Nos capítulos 9 e 10, ele reforçou que o sacrifício de Cristo substituiu o de animais irracionais. Certamente será de seu interesse estudar esses quatro capítulos cuidadosamente. Por hora, vejamos uma seção relativa à oferta de sacrifícios:

Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados. Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste;

antes, um corpo me formaste; não te deleitaste com holocaustos e ofertas pelo pecado. Então, eu disse: Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade. Depois de dizer, como acima: Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei), então, acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer o segundo. Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas... Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus, aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés. Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados. E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei, acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado (Hebreus 10:4–18).

Aparentemente, os ensinamentos de Hebreus exerceram um impacto sobre os cristãos, porque, como observou Burton Coffman, “após Lísias resgatar Paulo do motim no templo, não há registro de que algum cristão tenha novamente pisado no templo judaico”¹².

Uma Atitude Decisiva

No caso de alguém não receber a mensagem, Deus resolveu de uma vez por todas a questão quando, poucos anos depois, permitiu que o templo fosse destruído. Coffman sugeriu o seguinte: “O Senhor sabia que manter as formas e sacrifícios [do templo] exerceria tamanha força sobre todos os judeus, que, em vez destes se afastarem dessas coisas, Deus mesmo as tirou deles”¹³. Referindo-se à destruição do templo, Adam Clarke disse que “Deus aboliu a dispensação mosaica, rendendo no curso de sua providência, a observância do *impossível*”¹⁴.

A destruição do templo e o término dos sacrifícios em 70 d.C. haviam sido preditos antes. Daniel dissera que o lugar santo seria espezinhado (Daniel 8:13), que a cidade e o santuário seriam destruídos (9:26), que os sacrifi-

⁹Para um exemplo do reconhecimento de Paulo de procedimentos errados, veja Atos 23:5. ¹⁰Veja a nota de rodapé 5. ¹¹Citado em Warren Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 490. ¹²James Burton Coffman, *Commentary on Acts* (“Comentário de Atos”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1976, p. 8. ¹³*Ibid.*, p. 408. ¹⁴Clarke, p. 859 (grifo meu).

cios e as ofertas de grãos cessariam (9:27) e que “o sacrifício diário” seria “tirado” (12:11)¹⁵. O profeta havia falado de uma terrível tribulação, usando termos como “desolações” e “abominações” (9:26, 27). Mais de seiscentos anos depois, quando Jesus estava saindo do templo, surpreendeu Seus discípulos ao dizer que “não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada” (Mateus 24:2b). Quando lhe perguntaram sobre tal afirmação, Ele Se referiu à profecia de Daniel, dizendo: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo...” (Mateus 24:15; observe o v. 21)¹⁶. Cerca de quarenta anos depois, o exército romano devastou Jerusalém — incluindo o templo. Quando isso aconteceu, o sistema de sacrifícios judaico “tornou-se um caso encerrado”¹⁷.

Hoje, sendo judeus ou gentios, não temos outro sacerdote na terra, senão “o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote” (Hebreus 4:14), “que se assentou à destra do trono da Majestade

nos céus” (Hebreus 8:1). Já não temos de oferecer sacrifícios de touros e bodes (10:4), mas devemos oferecer “a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (13:15) em gratidão por nos dar o sacrifício perfeito de Jesus (9:26)!

CONCLUSÃO

Depois de duas lições sobre a participação de Paulo das ofertas no templo, ainda tendemos a dizer com Adam Clarke: “Parece haver algo nesse caso que não compreendemos totalmente”¹⁸. Todavia, uma conclusão é óbvia: hábitos antigos demoram acabar. Sempre foi assim. Os presbíteros de Jerusalém lutaram com essa verdade; Paulo também. Você e eu lutamos com isso. Precisamos ter sempre em mente que o mais importante não é se algo é antigo ou novo, mas se é certo ou errado — e o que determina que isso seja a Palavra de Deus! Esta é uma boa hora para renovar o seu compromisso com essa Palavra! ❖

¹⁵Foge ao escopo deste trabalho tentar explicar o Livro de Daniel. Todavia, a maioria dos estudiosos concordam que as palavras citadas referem-se à destruição de Jerusalém em 70 d.C. ¹⁶No v. 3, os discípulos pensaram que estavam fazendo uma pergunta (pois presumiam que a destruição do templo aconteceria no fim do mundo). Na verdade, estavam perguntando sobre a destruição do templo e *também* sobre o fim do mundo. Por isso, a primeira parte do capítulo é principalmente sobre a destruição de Jerusalém, enquanto que a última parte é principalmente sobre o fim do mundo. Mateus 24 será discutido numa futura série sobre a vida de Cristo. ¹⁷Richard Oster, *The Acts of the Apostles* (“Os Atos dos Apóstolos”). The Living Word Commentary Series, Parte 2. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 124. Também poderia ser notado que os próprios judeus encerraram mais tarde a questão de ter cristãos judeus freqüentando os cultos nas sinagogas; na última década do primeiro século, acrescentaram às orações que “os nazarenos e os hereges perecessem como num instante e fossem cortados do livro da vida” (citado por F.F. Bruce, *The Book of Acts* [“O Livro de Atos”], ed. rev. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 428). ¹⁸Clarke, p. 860.

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS